



FLÁVIO DUTRA/JUL - ARQUIVO JUL/2013



Brechas para a produção teatral

Artes Cênicas *Companhias buscam alternativas para driblar a crise no setor*

Samantha Klein

Os palcos nunca tiveram sobrevivência fácil no Rio Grande do Sul. Recentemente, o Sete de Abril, teatro mais antigo do Estado, que tem tombamento pelo Patrimônio Histórico, fechou as portas em Pelotas. Por sua vez, o Teatro São Pedro, mesmo considerado o mais importante da região, já teve seus períodos de abandono. Inaugurado em 27 de junho de 1858, o espaço criado para abrigar a produção cultural voltada à elite teve suas portas fechadas em 1973 devido às precárias condições de segurança e ao mau estado de conservação. A reabertura ocorreu 11 anos depois, com grande festa para a comunidade. Mesmo com tal êxito, o projeto da concha acústica Multipalco – uma espécie de anexo ao teatro – demorou mais de uma década para ser concluído. Enquanto isso, salas mais novas se encontram fechadas para reformas que não têm prazo para conclusão, como é o caso do Teatro de Câmara Túlio Piva, criado em 1970 sob responsabilidade da administração municipal e situado à rua da República, no bairro Cidade Baixa. Outros espaços estão em processo permanente de restauração, como o Teatro de Arena, lo-

calizado no viaduto Otávio Rocha, Centro Histórico da capital. Diante do panorama das salas públicas, companhias novas e tradicionais estão buscando alternativas para manter suas produções teatrais e, ainda, propor novas linguagens cênicas.

Sedes próprias – Circular com espetáculos novos e consagrados é certamente um dos objetivos de qualquer companhia teatral. Ter uma sede própria, porém, é um ganho para firmar o grupo. Assim considera uma das fundadoras da Cia. Stravaganza, Adriane Mottola. A diretora de teatro ressalta que o caminho até obter um estúdio próprio foi árduo, mas vem garantindo uma marca para o grupo. “Há muito tempo aprendi que o teatro tem que ter cara. Como o público percebe que um grupo é diferente do outro? Ao apresentar o seu trabalho e levar o seu público para lá, você cria uma identidade. E o público vai te acompanhando por isso. Quando se tem uma sede, é mais fácil ser reconhecido em meio à multidão; igualmente, é fundamental manter uma equipe. É uma marca, não no sentido de publicidade, mas de conhecimento adquirido ao longo dos anos”, sustenta.

A diretora ainda destaca que a dinâmica de participação em editais ou projetos submetidos a leis de incentivo à cultura restringe a circulação dos grupos. “Temos poucos teatros e muitas pessoas produzindo. Se você concorre em editais públicos, pode ficar mais de um ano sem se apresentar, o que é muito desestimulante. Ao nos apresentarmos num espaço próprio, temos uma forma de nos mantermos vivos sem depender exclusivamente dos teatros públicos e privados.” Ela ainda destaca que muitas companhias teatrais dependem de contratações como as do Serviço Social do Comércio (Sesc), que costuma firmar convênios com prefeituras e promover atividades culturais e esportivas.

Já a possibilidade de viajar com temporadas dependendo de bilheteria é inviável, segundo Mottola. Os custos de aluguel de teatros, hospedagem e alimentação tornam as empreitadas muito caras. “Por conta própria, só dependendo do que se lucra com a apresentação de espetáculos, é impossível, porque não há como se pagar. Com o advento das leis de incentivo, as produtoras culturais tiveram que se adaptar, e somente espetáculos incentivados conseguem circular pelo interior ou por outros estados.”

Nessa linha, o Grupo Cerco também está buscando o caminho da manutenção de um espaço próprio para ensaiar, criar e oferecer oficinas. Em convênio com o Instituto dos Arquitetos do Brasil, a companhia está estabelecida em parte de um casarão antigo localizado no Centro Histórico da capital. As limitações de um prédio tombado não permitem, no entanto, que o espaço seja aproveitado da mesma forma que faz a Cia. Stravaganza. “Por enquanto, não podemos utilizar o estúdio para encenar peças de grande porte porque não há possibilidade de instalação de spots e iluminação adequada para o palco, mas é uma grande vitória termos um local como esse”, ressalta Inês Marocco, diretora do

grupo e professora do Departamento de Artes Dramáticas da UFRGS.

Responsável por peças baseadas em obras icônicas de Erico Verissimo, como *O Sobrado* e *Incidente em Antares*, a companhia vem apostando também em oficinas, brechós e espetáculos populares. Recentemente, o Espaço Cerco Cultural apresentou o espetáculo *Cabarezin: noite das palhaças*. O objetivo foi mostrar o humor do universo feminino sob a ótica dos palhaços. Com ingressos a preços populares, o local estava lotado na véspera do feriado da Proclamação da República. Inês Marocco diz que peças mais simples serão cada vez mais frequentes no espaço, até mesmo para incentivar novas linguagens e trocas de saberes com grupos mais jovens.

Intercâmbio – “Residente” na Cia. Stravaganza, a ATO Cia. Cênica realiza ensaios semanais e leituras de textos quinzenalmente. Sem a possibilidade de ter uma sede própria e com muita vontade de agregar novas possibilidades às peças marcantes da companhia, o grupo optou por um intercâmbio com a Stravaganza e com a Cia. Indeterminada. Dentro dessa cooperação, os três grupos realizam o projeto Quartas Dramáticas. “A gente escolhe textos urgentes, que precisam ser lidos para o público”, ressalta Luciana Tondo, integrante da ATO, que nasceu da disciplina de Ateliê de Criação no Departamento de Artes Dramáticas da UFRGS com o espetáculo *O Feio*, escrito pelo alemão Marius Von Mayenburg.

O grupo ganhou o Açorianos de Melhor Espetáculo em 2011 e se consolidou como companhia de teatro. Luciana ressalta que mais importante do que ter uma sede própria é ter um espaço de criação. “Não temos um espaço próprio, pois neste momento seria muito difícil; por isso, estamos tentando nos unir a grupos que também precisam se fortalecer. No momento, é a melhor opção para todo mundo”, destaca.



Túlio Piva - “Um dos teatros mais esquecidos da cidade”, eis uma definição para o Teatro de Câmara Túlio Piva. Fechado desde 2014 para reformas estruturais, nenhum tijolo foi mexido, no sentido de início de uma restauração. Ainda em 2012, o espetáculo *Estamira - Beira do Mundo*, integrante da programação do 19.º Porto Alegre em Cena, teve de ser suspenso em meio à apresentação após o rompimento do telhado.

Primeiro teatro público do município de Porto Alegre, teve sua última reforma inaugurada em março de 2006. Desde então, vem sofrendo com a deterioração. Após o fechamento há quatro anos, um projeto de restauração completa foi formulado e orçado em 4 milhões de reais. De acordo com o coordenador de Artes Cênicas da Secretaria Municipal da Cultura, Fernando Zugno, a pasta procura patrocinadores privados. O gestor, no entanto, ressalta que a dificuldade é imensa.

“É um momento muito difícil para fazer essa reforma, porque a prefeitura vive uma crise financeira sem precedentes. Finalizamos o orçamento, mas não é possível apostar em uma reforma neste momento. Diante de tal cenário, é muito difícil captar um valor deste tamanho. Mesmo assim estamos tentando encontrar parceiros que possam patrocinar os trabalhos, o que não significa a privatização do teatro. O objetivo é devolver para a sociedade um espaço que é tão caro para o bairro e para a cidade.”

Enquanto nenhum investidor privado se interessa pela revitalização do teatro, o tempo segue consumindo as estruturas. O projeto de reforma visa modificar praticamente todo o espaço, com a restauração de paredes, vigas, forro, telhado e banheiro. “A ideia é manter praticamente somente o palco, que é muito bom desde a sua concepção”, finaliza Zugno.

Teatro de Arena - Localizado nos altos do viaduto Otávio Rocha, em Porto Alegre, o Teatro de Arena foi um dos espaços culturais de resistência durante o regime militar, enfrentando a censura. Sucumbiu, porém, à falta de recursos para a sua conservação. Após 27 anos de existência, encerrou suas atividades em 1980. Devido à mobilização da classe artística, foi desapropriado pelo estado e reabriu como espaço público oito anos depois.

Desde então segue também em uma trajetória de resistência, considerando-se que os recursos estatais são mínimos. Em 2018, algumas obras de restauração foram realizadas, como a adaptação de uma rampa para receber cadeirantes, a reforma de todas as aberturas e a retirada do antigo ar-condicionado central e de toda a sua tubulação – uma demanda antiga. Além disso, novos equipamentos de som e iluminação foram adquiridos por intermédio de edital do Fundo de Apoio à Cultura. Em meio à recente reforma, o local foi alvo de roubo. “Levaram projetores, lâmpadas e uma escada. São equipamentos caros, que não teremos como repor”, lamenta Hamilton Braga, membro da Associação dos Amigos do Teatro de Arena.

Da caminhada de resistências do Arena, que sempre teve poucos recursos financeiros, Hamilton recorda que um batalhão do Exército, em 1968, chegou a invadir o teatro em busca de armas que supostamente seriam usadas na luta armada. Na verdade, eram carcaças de fuzis do início do século emprestadas pela Brigada Militar para a montagem de *Os Fuzis da Senhora Carrar*. Mesmo assim, o fundador do teatro, Jairo de Andrade, foi espancado, e as “armas”, apreendidas. “Naquela noite, os atores acabaram por utilizar vassouras em lugar das espingardas, e a apresentação se transformou em manifestação contra a ditadura.” Ele destaca que, apesar das dificuldades impostas no passado e no presente, a paixão dos envolvidos pelas artes cênicas sobrevive ao tempo, à falta de dinheiro e às resistências externas.

Renascença e Álvaro Moreyra - Importantes espaços para a popularização da cultura em Porto Alegre, o Teatro Renascença e a Sala Álvaro Moreyra estão localizados no Centro Municipal de Cultura Arte e Lazer Lupicínio Rodrigues.

Com programação intensa de terça a domingo, a necessidade de manutenção é muito elevada. Para isso, porém, não existe um orçamento específico proveniente da Secretaria Municipal da Cultura. As verbas são repassadas conforme a demanda, assim como a recente emergência em trocar um dos aparelhos de ar condicionado do Teatro Renascença.

As salas são palco de montagens importantes, como a estreia da peça *Le Costume (O Traje)*, de Peter Brook, durante a 7ª edição do Porto Alegre em Cena, em 2001, conforme recorda o coordenador de Artes Cênicas da Secretaria da Cultura. Também são espaços que recebem espetáculos a preços mais acessíveis, sendo ainda selecionadas apresentações para turmas de escolas municipais. Além disso, são palco para jovens artistas da periferia. “Acho que o Porto Alegre em Cena traz espetáculos maravilhosos, assim como o Palco Giratório e outros eventos sediados nesses dois teatros. Além da qualidade das peças, seguidamente, grupos de escolas vêm ao Renascença, o que é uma forma de descentralização, de acordo com as agendas da Secretaria da Educação.”

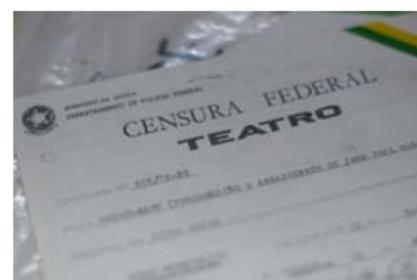
Usina do Gasômetro - Fechada oficialmente há um ano, as perspectivas de reforma e reabertura da Usina do Gasômetro são muito mais palpáveis que as do Túlio Piva. A Usina, assim como o almejado Teatro Elis Regina, deverão ser alvos de uma reforma completa em breve. Uma das principais adequações trata do plano de prevenção contra incêndio para receber o público com segurança.

O projeto arquitetônico para a restauração já foi aprovado, e a proposta de execução está em vias de ser concluída. A reforma será realizada com recursos obtidos pela Prefeitura de Porto Alegre junto à Corporação Andina de Fomento (CAF). “Temos, portanto, prazo definido para fazer tudo certinho, e a nossa intenção é começar os trabalhos de restauro em meados de 2019. Até 2020, a obra deve estar pronta, ou teremos de devolver o dinheiro, porque é uma exigência da CAF. São regras instituídas em contrato. Dessa forma, estamos elaborando os projetos para que não haja nenhum erro”, ressalta o diretor da Usina, Luiz Armando Capra.

Em 25 anos de concepção do projeto, o teatro Elis Regina nunca foi entregue em definitivo, mesmo que diversas atividades tenham sido realizadas no local. Funcionou parcialmente como sede para a OSPA e a Banda Municipal. A Orquestra, que nunca teve uma sede própria, agora está alocada em uma sala acusticamente adequada no Centro Administrativo Fernando Ferrari.

Capra destaca que, quando finalizado, o projeto será muito importante, em especial pela localização. “Além de todo o espaço cultural dentro da Usina, o teatro é uma proposta muito relevante para a cidade por ser público. É um local muito aguardado pela comunidade artística, e tenho certeza de que, com a revitalização da orla do Guaíba, a movimentação será muito grande.”

Ao lado, cena do espetáculo *O sobrado*, do Grupo Cerco, de julho de 2013 no Teatro de Câmara Túlio Piva. Abaixo, fachada e detalhes do interior do Teatro de Arena



ROCHELE ZANDAVALLI/SECOM